



## ESPACIO ABIERTO

Cuaderno Venezolano de Sociología



***Separata***

## **ROBERTO BRICEÑO-LEÓN: Sociología del Petróleo, de la Salud y la Violencia**

Volumen 35  
Nº 4

Octubre-Diciembre, 2026

**4**

Auspiciada por la International Sociological Association (ISA)  
y la Asociación Latinoamericana de Sociología (ALAS).  
Revista oficial de la Asociación Venezolana de Sociología (AVS)

**ESPACIO  
ABIERTO**

Cuaderno Venezolano de Sociología

Volumen 35 No. 4 (Octubre-Diciembre) 2026, pp. 28-39

ISSN 1315-0006. Depósito legal pp 199202zu44

DOI: 10.5281/zenodo.21227522

# Docentes afastados diferem em burnout? Efeito do trabalhador saudável e implicações para critérios de inclusão em pesquisas

*\*Mary Sandra Carlotto, \*\*Sheila Gonçalves Câmara y  
\*\*\*Alice Lopes Medeiros*

## Resumo

O afastamento por problemas de saúde é frequentemente tratado como desfecho do burnout docente, porém muitos estudos excluem professores licenciados de suas amostras, sob a premissa de maior gravidade do fenômeno. Este estudo comparou os níveis de burnout entre docentes afastados/licenciados e docentes em atividade, à luz do modelo de Gil-Monte, e examinou diferenças em variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde. Participaram 98 docentes da educação básica, que responderam ao Spanish Burnout Inventory e a questionários sociodemográficos, laborais e de saúde. Foram realizados testes t de Student e testes qui-quadrado. Os resultados indicaram ausência de diferenças significativas entre docentes afastados e em atividade nas dimensões de ilusão pelo trabalho, desgaste psíquico, indolência e culpa. Em contraste, docentes afastados apresentaram maior idade, maior tempo de profissão e pior autoavaliação de saúde, além de associações com presença de filhos, atuação em instituição privada e trabalho em mais de uma escola. Os achados sugerem que o afastamento docente se associa mais fortemente a fatores de trajetória profissional, condições laborais e saúde do que aos níveis de burnout propriamente ditos, reforçando a natureza social e multifatorial do fenômeno. Concluiu-se que a exclusão de docentes afastados pode levar ao viés de seleção ocupacional e diminuir a representatividade dos estudos sobre burnout docente. Recomenda-se a inclusão desse grupo em estudos futuros e o desenvolvimento de políticas organizacionais voltadas à melhoria das condições de trabalho ao longo da carreira docente.

**Palavras-chave:** burnout docente; afastamento por saúde; trabalho docente; viés do trabalhador saudável; condições de trabalho.

\*Universidade de Brasília. Brasil. ORCID: 0000-0003-2336-5224. E-mail: mscarlotto@gmail.com

\*\*Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Brasil. ORCID: 0000-0001-6761-76447644.

E-mail: [Sheilac@UFCSA.edu.br](mailto:Sheilac@UFCSA.edu.br)

\*\*\*Universidade de Brasília. Brasil. ORCID: 0009-0007-7573-5991. E-mail: [alicelopesmedeiros14@gmail.com](mailto:alicelopesmedeiros14@gmail.com)

Recibido: 27/02/2026 Aceptado: 24/04/2026

# Do Teachers on Sick Leave Differ in Burnout? The Healthy Worker Effect and Implications for Inclusion Criteria in Research

## Abstract

Sick leave is often treated as an outcome of teacher burnout; however, many studies exclude teachers on medical leave from their samples based on assumptions of greater severity. This study compared burnout levels between teachers on sick leave and active teachers, using Gil-Monté's model, and examined differences in sociodemographic, occupational, and health variables. Participants were 98 primary and secondary school teachers who completed the Spanish Burnout Inventory and sociodemographic, occupational, and health questionnaires. Independent-samples t-tests and chi-square tests were conducted. Results showed no significant differences between teachers on leave and active teachers in the dimensions of enthusiasm toward the job, psychological exhaustion, indolence, and guilt. In contrast, teachers on leave were older, had longer professional tenure, poorer self-rated health, and showed associations with having children, working in private schools, and working in more than one school. Findings indicate that teacher sick leave is more strongly associated with career trajectory, working conditions, and health than with burnout levels per se, reinforcing the social and multifactorial nature of the phenomenon. Excluding teachers on leave may introduce healthy worker selection bias and reduce the representativeness of burnout research. Inclusion of this group in future studies and organizational policies aimed at improving working conditions across the teaching career are recommended.

**Keywords:** teacher burnout; sick leave; teaching work; healthy worker bias; working conditions

## Introdução

O adoecimento e o afastamento por motivos de saúde no trabalho docente constituem fenômenos sociais que expressam transformações nas condições de exercício da profissão educacional contemporânea. Nas últimas décadas, a docência tem sido marcada por intensificação laboral, ampliação de responsabilidades extrapedagógicas, precarização de vínculos e crescente responsabilização institucional, configurando um cenário de sobrecarga psicossocial e vulnerabilidade ocupacional (Apple, 1989; Esteve, 1999; Tardif; Lessard, 2005). Nesse contexto, o sofrimento docente não pode ser compreendido apenas como resultado de características individuais ou disposicionais, mas como produto de relações sociais de trabalho, trajetórias ocupacionais e arranjos institucionais que estruturam a experiência profissional ao longo da carreira (Tardif; Lessard, 2005; Oliveira; Ribeiro, 2022).

No campo da saúde do trabalhador, o burnout tem sido amplamente utilizado como categoria analítica para descrever o desgaste ocupacional associado à exposição prolongada a demandas laborais crônicas (Maslach; Jackson, 1981; Maslach et al., 2001). Em professores, a síndrome associa-se consistentemente a absenteísmo, afastamentos por saúde e saída da profissão (Salvagioni et al., 2017; Madigan; Kim, 2021), sendo frequentemente tratada como desfecho individual do estresse ocupacional. Entretanto, abordagens sociológicas do trabalho docente indicam que o adoecimento e o afastamento laboral refletem processos cumulativos vinculados à organização do trabalho escolar, às condições institucionais e à trajetória profissional (Tardif; Lessard, 2005; Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022). Nessa perspectiva, o burnout docente deve ser compreendido como fenômeno relacional e situado, inscrito nas condições sociais do trabalho educacional.

O modelo de Gil-Monte concebe o burnout como processo composto por ilusão pelo trabalho, desgaste psíquico, indolência e culpa, enfatizando a deterioração progressiva do vínculo com o trabalho e com as pessoas atendidas (Gil-Monte, 2005, 2011). Essa concepção tem sido amplamente aplicada em contextos educacionais e latino-americanos, permitindo compreender o burnout docente como discrepância entre expectativas profissionais e condições reais de trabalho (Carlotto; Câmara, 2019; Gil-Monte, 2011). Contudo, mesmo quando adotado em perspectivas organizacionais, o burnout docente tem sido frequentemente investigado a partir de amostras compostas exclusivamente por professores em atividade, excluindo docentes afastados ou licenciados por saúde (Hultell et al., 2013; Madigan; Kim, 2021).

A exclusão de professores afastados das amostras possui implicações sociológicas e metodológicas relevantes. Evidências da epidemiologia ocupacional demonstram que a exclusão de trabalhadores afastados tende a produzir o denominado viés do trabalhador saudável, no qual populações ocupacionais investigadas apresentam níveis artificialmente mais favoráveis de saúde e funcionamento, em razão da saída seletiva dos indivíduos mais adoecidos (Algarni, 2020; Brown et al., 2017; Li; Sung, 1999). No campo educacional, tal viés implica a produção de retratos parciais do trabalho docente, nos quais segmentos mais vulnerabilizados ou afastados do exercício laboral permanecem invisibilizados nas análises científicas (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022).

Sob uma perspectiva sociológica do trabalho, o afastamento docente não constitui apenas consequência direta de níveis elevados de burnout, mas processo multifatorial relacionado à trajetória profissional e às condições estruturais de exercício da docência (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022; Tardif; Lessard, 2005). Estudos indicam que fatores como idade, tempo de carreira e responsabilidades familiares associam-se ao afastamento independentemente dos níveis atuais de exaustão (Carlotto; Diehl, 2023; Wang et al., 2015). Ademais, condições organizacionais do trabalho docente, como múltiplos vínculos laborais e regimes institucionais de contratação, participam da dinâmica de desgaste e afastamento (Bakker; Demerouti, 2017; Skaalvik; Skaalvik, 2017). Esses achados sugerem que o afastamento expressa a interação entre desgaste acumulado e condições estruturais do trabalho ao longo do curso ocupacional docente.

Apesar dessa compreensão ampliada, a exclusão de professores afastados permanece recorrente em pesquisas sobre burnout docente, sob a premissa de maior gravidade ou atipicidade do fenômeno (Hultell et al., 2013; Madigan; Kim, 2021). Tal prática limita a compreensão sociológica do trabalho educacional, ao restringir a análise aos trabalhadores que permanecem ativos no sistema escolar, e contribui para a produção de um quadro

parcial da docência, no qual o afastamento por saúde é tratado como evento externo ao fenômeno do desgaste profissional, e não como parte constitutiva do processo de adoecimento laboral (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022).

Diante dessa lacuna, torna-se relevante examinar empiricamente se o afastamento laboral distingue os níveis de burnout docente e, adicionalmente, verificar se docentes afastados e em exercício diferem quanto ao perfil sociodemográfico, laboral e de saúde. Variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde foram examinadas de forma exploratória, com o objetivo de identificar diferenças de perfil entre docentes afastados e em exercício e compreender o afastamento no contexto da trajetória profissional e das condições de trabalho docente. Tal abordagem permite situar o burnout ao longo do curso ocupacional docente e discutir as implicações da exclusão de docentes afastados para a representatividade das pesquisas sobre o trabalho educacional.

Assim, o presente estudo teve como objetivo comparar os níveis de burnout entre docentes afastados/licenciados e docentes em atividade. Adicionalmente, diferenças em variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde foram examinadas de forma exploratória.

H1. Docentes afastados apresentarão níveis mais elevados de burnout do que docentes em atividade.

## **Método**

### ***Participantes***

A amostra foi composta por 98 docentes brasileiros da Educação Básica, sendo 40 afastados por motivos de saúde e 58 em exercício. Entre os docentes afastados, 70,0% eram mulheres ( $n = 28$ ) e 75,0% tinham filhos ( $n = 30$ ), com média de idade de 41,79 anos ( $DP = 8,14$ ). Esses docentes apresentavam, em média, 7,15 anos de atuação na escola atual ( $DP = 6,05$ ) e 16,25 anos de tempo de profissão ( $DP = 8,27$ ). A maioria atuava em instituições públicas (72,5%;  $n = 29$ ), e 20,0% trabalhavam em mais de uma escola ( $n = 8$ ).

No grupo de docentes em exercício, 55,2% eram mulheres ( $n = 32$ ) e 48,3% tinham filhos ( $n = 28$ ), com média de idade de 37,16 anos ( $DP = 8,61$ ). Esses docentes apresentavam, em média, 4,26 anos de atuação na escola atual ( $DP = 5,10$ ) e 12,40 anos de tempo de profissão ( $DP = 8,40$ ). A maioria atuava em instituições públicas (89,7%;  $n = 52$ ), e 5,2% trabalhavam em mais de uma escola ( $n = 3$ ).

### ***Instrumentos***

- 1) Questionário de dados sociodemográficos: sexo, idade; situação conjugal; filhos;
- 2) Questionário de dados laborais: tempo de atuação profissional; nível de ensino que atua na maior parte de sua carga horária; carga horária de trabalho semanal contratual; carga horária de trabalho semanal realizada; número aproximado de alunos que atende diariamente; tempo que atua na atual escola; trabalha em rede de ensino (pública/privada); trabalha em outra escola;
- 3) Spanish Burnout Inventory (SBI) de Gil-Monte (2005, 2019), versão adaptada para o uso no Brasil por Gil-Monte et al. (2010). O instrumento é composto por 20 itens

distribuídos em quatro subescalas: Ilusão pelo trabalho (cinco itens,  $\alpha = 0,72$ ; Ex. item: “sinto-me encantado(a) pelo meu trabalho”); Desgaste psíquico (quatro itens,  $\alpha = 0,86$ ; Ex. item: “sinto-me cansado(a) fisicamente no trabalho”); Indolência (seis itens,  $\alpha = 0,75$ ; Ex. item: “sou irônico(a) com algumas pessoas”); e Culpa (cinco itens,  $\alpha = 0,79$ ; Ex. item: “sinto-me culpado(a) por algumas atitudes no trabalho”). Os itens são respondidos em escala de frequência de cinco pontos (1 = nunca; 5 = todos os dias). Os itens foram avaliados em escala de frequência de cinco pontos (1 = nunca; 5 = todos os dias);

4) Autoavaliação geral de saúde. A autoavaliação de saúde foi mensurada por um item único (“Como você avalia sua saúde geral?”), respondido em escala numérica de 0 (muito ruim) a 10 (muito boa), em que valores mais elevados indicam melhor percepção global de saúde. Medidas de autoavaliação global têm sido amplamente utilizadas em pesquisas populacionais e ocupacionais por apresentarem validade preditiva consistente para morbidade, incapacidade funcional e mortalidade, além de sintetizarem a percepção subjetiva do estado geral de saúde (DeSalvo et al., 2006; Idler; Benyamini, 1997).

5) Afastamento por problemas de saúde. O histórico de afastamento laboral por problemas de saúde foi avaliado por meio de item dicotômico (“Você já teve afastamento do trabalho por problemas de saúde?”), com opções de resposta “sim” ou “não”. Indicadores autorreferidos de afastamento são frequentemente empregados em estudos de saúde do trabalhador como medida de ocorrência prévia de adoecimento relacionado ao trabalho, apresentando concordância adequada com registros administrativos em contextos ocupacionais (Ferrie et al., 2005; Ravinskaya et al., 2024).

Essa operacionalização foi adotada com o objetivo de identificar a ocorrência do afastamento como um marcador de transição na trajetória profissional docente (presença vs. ausência), sendo consistente com estudos em saúde ocupacional que utilizam indicadores autorreferidos de afastamento como proxy de adoecimento laboral, com evidências de concordância com registros administrativos. Ressalta-se que, considerando o delineamento transversal e o tamanho amostral, a utilização de categorias mais detalhadas de afastamento (e.g., duração, frequência ou diagnóstico) poderia comprometer a estabilidade das análises, sendo, portanto, priorizada uma medida sintética de ocorrência do evento.

## ***Procedimentos de coleta de dados***

A coleta foi realizada por meio de formulário eletrônico (*SurveyMonkey*) no mês de abril de 2025, com recrutamento feito por meio de redes sociais e contatos da primeira autora da pesquisa, utilizando-se a técnica bola de neve (Leighton et al., 2021). Para tanto, os participantes convidavam outros colegas que se adequavam aos requisitos do estudo para solicitar colaboração para o preenchimento do instrumento. O acesso à pesquisa ocorreu somente após a leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Brasília.

## ***Procedimentos de análise de dados***

Os dados foram inicialmente inspecionados quanto à completude e consistência das respostas. Em seguida, foram calculadas estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) para todas as variáveis do estudo, com o objetivo de caracterizar a amostra e descrever a distribuição dos escores. A consistência interna das dimensões de burnout foi examinada por meio de coeficientes de fidedignidade ( $\alpha$  de Cronbach).

Para testar a hipótese principal (H1), foram conduzidos testes *t* de *Student* para amostras independentes, comparando docentes afastados/licenciados e docentes em atividade nas dimensões de burnout (ilusão pelo trabalho, desgaste psíquico, indolência e culpa). A suposição de homogeneidade de variâncias foi verificada por meio do teste de Levene, cujos resultados indicaram adequação do uso do teste *t* com variâncias assumidas iguais. Para cada comparação, foram reportados os valores de *t*, graus de liberdade, *p* bicaudal e tamanho de efeito (*d* de Cohen), interpretado conforme critérios convencionais (pequeno  $\approx 0,20$ ; médio  $\approx 0,50$ ; grande  $\approx 0,80$ ).

Adicionalmente, diferenças entre os grupos em variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde (idade, número de filhos, tempo de atuação na escola, tempo de profissão e autoavaliação de saúde geral) foram examinadas de forma exploratória por meio de testes *t* de *Student* para amostras independentes, adotando-se os mesmos critérios de decisão e relato estatístico. O nível de significância adotado foi de 5% ( $\alpha = 0,05$ ). As análises foram realizadas no software Jamovi (versão 2.7).

## Resultados

A Tabela 1 apresenta a comparação entre docentes afastados/licenciados e em atividade nas dimensões de burnout. Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ( $p > 0,05$ ), e as magnitudes de efeito foram pequenas ( $|d| \leq 0,26$ ), indicando níveis semelhantes da síndrome. Assim, a hipótese H1 não foi confirmada.

**Tabela 1 - Comparação entre docentes afastados/licenciados e em atividade nas dimensões de burnout**

| Dimensão             | Afastados<br>M (DP) | Ativos<br>M (DP) | t     | df | p     | d     |
|----------------------|---------------------|------------------|-------|----|-------|-------|
| Ilusão pelo trabalho | 3,05 (1,08)         | 3,20 (1,04)      | -0,70 | 96 | 0,486 | -0,14 |
| Desgaste psíquico    | 4,48 (0,86)         | 4,32 (0,83)      | 0,91  | 96 | 0,363 | 0,19  |
| Indolência           | 2,95 (0,94)         | 3,22 (1,04)      | -1,27 | 96 | 0,208 | -0,26 |
| Culpa                | 2,47 (0,91)         | 2,57 (1,02)      | -0,51 | 96 | 0,610 | -0,11 |

Nota. M = média; DP = desvio-padrão; d = d de Cohen. Valores positivos de d indicam maiores médias no grupo afastado.

A Tabela 2 apresenta a comparação entre docentes afastados e em atividade em variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde. Docentes afastados apresentaram maior idade, maior tempo de atuação na escola e maior tempo de profissão, bem como pior autoavaliação de saúde, com magnitudes de efeito pequenas a moderadas. Observou-se ainda associação significativa entre afastamento e presença de filhos, tipo de instituição e atuação em outra escola, todas com magnitudes pequenas a pequenas-moderadas. Não foram observadas associações significativas entre afastamento e sexo ou afastamento prévio por saúde.

**Tabela 2 - Comparação entre docentes afastados/licenciados e em atividade em variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde**

**A. Variáveis contínuas**

| Variável                  | Afastados<br>M (DP) | Ativos<br>M (DP) | t     | df | p     | d     |
|---------------------------|---------------------|------------------|-------|----|-------|-------|
| Idade                     | 41,79 (8,14)        | 37,16 (8,61)     | 2,66  | 95 | 0,009 | 0,55  |
| Tempo na escola (anos)    | 7,15 (6,05)         | 4,26 (5,10)      | 2,54  | 95 | 0,013 | 0,52  |
| Tempo de profissão (anos) | 16,25 (8,27)        | 12,40 (8,40)     | 2,25  | 96 | 0,027 | 0,46  |
| Autoavaliação saúde geral | 4,43 (2,50)         | 5,53 (2,06)      | -2,40 | 96 | 0,018 | -0,49 |

**B. Variáveis categóricas**

| Variáveis             | Afastados<br>(n = 40) |      | Ativos<br>(n = 58) |      | $\chi^2$ | p     | $\phi$ |
|-----------------------|-----------------------|------|--------------------|------|----------|-------|--------|
|                       | n                     | %    | n                  | %    |          |       |        |
| Sexo                  |                       |      |                    |      | 2,19     | 0,139 | 0,15   |
| Feminino              | 28                    | 70,0 | 32                 | 55,2 |          |       |        |
| Masculino             | 12                    | 30,0 | 26                 | 44,8 |          |       |        |
| Filhos                |                       |      |                    |      | 7,00     | 0,008 | 0,27   |
| Sim                   | 30                    | 75,0 | 28                 | 48,3 |          |       |        |
| Não                   | 10                    | 25,0 | 30                 | 51,7 |          |       |        |
| Tipo de instituição   |                       |      |                    |      | 4,86     | 0,027 | 0,22   |
| Privada               | 11                    | 27,5 | 6                  | 10,3 |          |       |        |
| Pública               | 29                    | 72,5 | 52                 | 89,7 |          |       |        |
| Outra escola          |                       |      |                    |      | 5,22     | 0,022 | 0,23   |
| Sim                   | 8                     | 20,0 | 3                  | 5,2  |          |       |        |
| Não                   | 32                    | 80,0 | 55                 | 94,8 |          |       |        |
| Afastamento por saúde |                       |      |                    |      | 0,01     | 0,922 | 0,01   |
| Sim                   | 30                    | 75,0 | 44                 | 75,9 |          |       |        |
| Não                   | 10                    | 25,0 | 14                 | 24,1 |          |       |        |

**Nota.** DP = desvio-padrão; d = d de Cohen;  $\phi$  = coeficiente phi. Percentuais por coluna. Testes t de Student para variáveis contínuas e qui-quadrado de Pearson para variáveis categóricas.

## Discussão

O presente estudo examinou a relação entre afastamento laboral e burnout docente, comparando professores afastados/licenciados e em exercício, bem como diferenças em variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde. Neste estudo, a comparação entre docentes afastados e em atividade, aliada à análise exploratória de variáveis sociodemográficas, laborais e de saúde, permitiu situar o afastamento no contexto da trajetória ocupacional docente, mais do que explicá-lo a partir de relações lineares entre variáveis.

De modo geral, os resultados indicaram ausência de diferenças significativas nas dimensões de burnout entre os grupos, ao passo que diferenças consistentes foram observadas no perfil sociodemográfico, laboral e de saúde. Esses achados contribuem para compreender o afastamento docente como processo ocupacional situado na trajetória profissional e nas condições estruturais de exercício da docência, mais do que como marcador direto da intensidade individual do burnout.

Contrariamente à hipótese formulada, docentes afastados não apresentaram níveis mais elevados de burnout do que docentes em atividade. As magnitudes de efeito foram pequenas e indicaram níveis semelhantes da síndrome entre os grupos. A formulação

da hipótese adotou uma lógica comparativa e relativamente linear, que não contempla integralmente a complexidade do fenômeno conforme o referencial teórico assumido. Nesse sentido, a ausência de diferenças entre os grupos reforça a compreensão do burnout docente como um processo multifatorial e situado, não sendo o afastamento laboral um indicador direto de sua intensidade.

Esse resultado sugere que o afastamento laboral não constitui indicador direto de maior intensidade do burnout docente. Apesar de a literatura estabelecer uma associação consistente entre burnout e absenteísmo/afastamento (Madigan; Kim, 2021; Salvagioni et al., 2017), há evidências de que o esgotamento ocupacional docente se desenvolve de forma cumulativa e pode se manter independentemente da atual condição laboral (Bakker; Demerouti, 2017; Sonnentag et al., 2017). Assim, docentes em atividade podem apresentar níveis de esgotamento comparáveis aos docentes afastados, refletindo a continuidade da exposição a demandas estruturais do trabalho pedagógico.

À luz do modelo de Gil-Monte, os achados indicam que as dimensões de ilusão pelo trabalho, desgaste psíquico, indolência e culpa não diferenciam necessariamente docentes afastados e ativos, sugerindo que o distanciamento laboral não implica maior deterioração qualitativa do vínculo com o trabalho. Em termos sociológicos, esse resultado reforça a compreensão do burnout como processo situado nas condições de exercício da docência, mais do que como estado individual associado ao status ocupacional momentâneo (Gil-Monte, 2011; Tardif; Lessard, 2005). O afastamento pode, portanto, ser reflexo da interação entre desgaste acumulado e condições institucionais, sem representar estágio distinto do fenômeno.

Importa destacar que o burnout, embora associado a desfechos de saúde, constitui um construto psicossocial relacionado ao contexto de trabalho, não devendo ser confundido com transtornos mentais clínicos (Maslach et al., 2001). O afastamento por saúde pode envolver diferentes condições clínicas, sendo o burnout um dos possíveis fatores associados, mas não um diagnóstico médico em si. Apesar de sua ampla utilização, o modelo de Gil-Monte privilegia medidas autorreferidas e a ênfase em dimensões individuais do fenômeno, podendo oferecer uma apreensão parcial dos processos organizacionais e estruturais associados ao adoecimento no trabalho. Ademais, como outros modelos de burnout, não possui finalidade diagnóstica clínica, devendo ser interpretado como instrumento de análise psicossocial do trabalho.

Em contraste com os resultados relativos ao burnout, foram observadas diferenças consistentes entre os grupos em variáveis de perfil sociodemográfico, laboral e de saúde. Docentes afastados apresentaram maior idade, maior tempo de atuação na escola e maior tempo de profissão, bem como pior autoavaliação de saúde. Esses achados são compatíveis com a noção de exposição ocupacional acumulada, segundo a qual a permanência prolongada em contextos laborais exigentes contribui para o desgaste e o adoecimento. A sociologia do trabalho docente tem descrito a intensificação e a sobrecarga psicossocial ao longo da carreira como fatores estruturais de desgaste ocupacional (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022; Tardif; Lessard, 2005). Nessa perspectiva, o afastamento pode ser compreendido como resultado de processos cumulativos associados à trajetória profissional, e não apenas como expressão de níveis momentâneos de burnout.

Também foram observadas associações entre afastamento e presença de filhos, atuação em instituição privada e trabalho em mais de uma escola. Esses resultados indicam que fatores de conciliação trabalho-família e condições organizacionais do trabalho docente

participam da dinâmica de afastamento. A literatura sociológica tem destacado que a docência contemporânea se caracteriza por regimes de trabalho intensificados, múltiplos vínculos laborais e exigências organizacionais elevadas, especialmente em contextos de precarização e flexibilização do trabalho educacional (Apple, 1989; Bakker; Demerouti, 2017; Skaalvik; Skaalvik, 2017).

A atuação em mais de uma escola e em instituições privadas pode refletir estratégias de composição de renda e inserção ocupacional em mercados de trabalho educacionais segmentados, associadas a maior carga laboral e desgaste cumulativo (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022). Esse resultado pode estar associado a características específicas do setor privado, como menor estabilidade contratual, maior pressão por desempenho, intensificação do trabalho e dependência de vínculos múltiplos, fatores que podem contribuir para o desgaste ocupacional e o afastamento por saúde. Esses achados reforçam a compreensão do afastamento como fenômeno socialmente situado nas condições estruturais do trabalho docente.

Tais fatores podem ser compreendidos como demandas adicionais no contexto do trabalho docente, relacionadas à conciliação entre esferas de vida e à intensificação do trabalho, potencialmente associadas a dimensões específicas do burnout, como o desgaste psíquico e a exaustão emocional. No entanto, essas relações não foram examinadas diretamente no presente estudo, constituindo uma agenda relevante para investigações futuras.

Do ponto de vista metodológico, os resultados possuem implicações relevantes para pesquisas sobre burnout docente. Ademais, a operacionalização do afastamento como indicador dicotômico mostrou-se adequada ao objetivo de identificar a ocorrência do evento na trajetória ocupacional, embora não permita capturar sua duração ou recorrência. Ressalta-se que, em função do delineamento transversal e do tamanho amostral, a adoção de categorias mais detalhadas poderia comprometer a estabilidade das análises estatísticas.

Adicionalmente, os dados baseiam-se em medidas autorreferidas, que podem estar sujeitas a vieses de memória e percepção. No entanto, esse tipo de medida é amplamente utilizado em pesquisas em saúde ocupacional e apresenta evidências de concordância com registros administrativos. Ademais, em estudos de natureza psicossocial, a experiência subjetiva do trabalhador constitui não apenas uma potencial fonte de viés, mas também uma dimensão central do fenômeno investigado.

A ausência de diferenças nos níveis da síndrome entre docentes afastados e em atividade questiona a prática de excluir professores licenciados das amostras sob a suposição de maior gravidade. Tal exclusão pode introduzir viés do trabalhador saudável, produzindo amostras compostas predominantemente por trabalhadores que permanecem ativos e potencialmente mais saudáveis (Algarni, 2020; Brown et al., 2017; Li; Sung, 1999). No campo educacional, esse viés contribui para a produção de representações parciais do trabalho docente, nas quais o adoecimento e o afastamento aparecem subestimados ou externalizados do fenômeno do desgaste ocupacional (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022). A inclusão de docentes afastados em pesquisas permite ampliar a representatividade das populações estudadas e compreender o burnout ao longo do curso ocupacional docente.

Este estudo apresenta limitações. O delineamento transversal impede inferências causais entre burnout e afastamento docente, não sendo possível determinar a direção temporal das associações, o que reforça a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem a evolução desses fenômenos ao longo da carreira. A amostra, de caráter

não probabilístico e tamanho reduzido, limita a generalização dos achados para outros contextos educacionais.

As medidas baseadas em autorrelato podem estar sujeitas a vieses de memória e percepção, embora evidências indiquem concordância adequada com registros administrativos em contextos ocupacionais (Ravinskaya et al., 2022). Além disso, a amostra se restringe a determinado contexto educacional. A avaliação do afastamento por medida dicotômica não permite captar aspectos como duração, frequência ou natureza clínica dos afastamentos, restringindo a análise à ocorrência do evento. Além disso, a ausência de análises multivariadas limita a compreensão simultânea do papel de diferentes variáveis na explicação do afastamento e do burnout.

A ausência de dados provenientes de registros administrativos limita a precisão dessas informações. Pesquisas longitudinais são recomendadas para examinar a evolução do burnout ao longo da carreira docente e sua relação com transições ocupacionais, como afastamento e retorno ao trabalho (Bakker; Demerouti, 2017; Sonnentag et al., 2017).

Apesar dessas limitações, o estudo contribui para a literatura ao examinar diretamente a relação entre afastamento e burnout docente em perspectiva de trajetória ocupacional e condições estruturais do trabalho educacional. Os resultados indicam que o afastamento docente se associa mais fortemente a fatores de carreira, condições laborais e saúde do que aos níveis de burnout propriamente ditos, reforçando a natureza social e multifatorial do fenômeno (Carlotto; Câmara, 2019; Oliveira; Ribeiro, 2022; Tardif; Lessard, 2005).

Em síntese, os achados sustentam que o afastamento por saúde não constitui marcador direto da intensidade do burnout e, portanto, não justifica a exclusão de docentes licenciados das amostras em pesquisas sobre a síndrome. Pelo contrário, sua inclusão é metodologicamente recomendada, uma vez que contribui para reduzir o viés de seleção ocupacional e ampliar a representatividade dos estudos sobre burnout docente ao longo do curso ocupacional.

## Referências

ALGRANI, F. S. (2020). "A comprehensive review of the healthy worker effect in occupational epidemiological studies". **International Journal of Research in Medical Sciences**, v. 8, nº 9, 3394–3400.

ARENS, A. K., MORIN, A. J. S. (2016). "Relations between teachers' emotional exhaustion and students' educational outcomes". **Journal of Educational Psychology**, v. 108, nº 6, 800–813.

BAKKER, A. B., DEMEROUTI, E. (2017). "Job demands–resources theory: Taking stock and looking forward". **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 22, nº 3, 273–285.

BROWN, D. M., PICCIOTTO, S., COSTELLO, S., NEOPHYTOU, A. M., IZANO, M. A., FERGUSON, J. M., EISEN, E. A. (2017). "The healthy worker survivor effect: Target parameters and target populations". **Current Environmental Health Reports**, v. 4, nº 3, 364–372.

CARLOTTO, M. S., CÂMARA, S. G. (2019). "Prevalence and predictors of burnout syndrome among public elementary school teachers". **Análise Psicológica**, v. 37, nº 2, 135–146.

CARLOTTO, M. S., DIEHL, L. (2023). “Intenção de abandono profissional em professores de acordo com níveis de ensino”. **Actualidades en Psicología**, v. 37, n° 135, 128–142.

DESALVO, K. B., BLOSER, N., REYNOLDS, K., HE, J., MUNTNER, P. (2006). “Mortality prediction with a single general self-rated health question”. **Journal of General Internal Medicine**, v. 21, n° 3, 267–275.

FERRIE, J. E., KIVIMÄKI, M., HEAD, J., SHIPLEY, M. J., VAHTERA, J., MARMOT, M. G. (2005). “A comparison of self-reported sickness absence with absences recorded in employers’ registers: Evidence from the Whitehall II study”. **Occupational and Environmental Medicine**, v. 62, n° 2, 74–79.

GIL-MONTE, P. R. (2005). **El síndrome de quemarse por el trabajo (burnout): Una enfermedad laboral en la sociedad del bienestar**. Madrid: Pirámide.

GIL-MONTE, P. R. (2011). **CESQT: Cuestionario para la evaluación del síndrome de quemarse por el trabajo**. Madrid: TEA Ediciones.

GUIDETTI, G., VIOTTI, S., BADAGLIACCA, R., COLOMBO, L., CONVERSO, D. (2019). “Can mindfulness mitigate the energy-depleting process and increase job resources to prevent burnout? A study on the mindfulness trait in the school context”. **PLOS ONE**, v. 14, n° 4, e0214935.

HULTELL, D., MELIN, B., GUSTAVSSON, J. P. (2013). “Getting personal with teacher burnout: A longitudinal study”. **Teaching and Teacher Education**, v. 32, 75–86.

IDLER, E. L., BENYAMINI, Y. (1997). “Self-rated health and mortality: A review of twenty-seven community studies”. **Journal of Health and Social Behavior**, v. 38, n° 1, 21–37.

LESENER, T., GUSY, B., WOLTER, C. (2019). “The job demands–resources model: A meta-analytic review of longitudinal studies”. **Work & Stress**, v. 33, n° 1, 76–103.

LI, C. Y., SUNG, F. C. (1999). “A review of the healthy worker effect in occupational epidemiology”. **Occupational Medicine**, v. 49, n° 4, 225–229.

MADIGAN, D. J., KIM, L. E. (2021). “Does teacher burnout affect students? A systematic review of its association with academic achievement and student-reported outcomes”. **International Journal of Educational Research**, v. 105, 101714.

MASLACH, C., JACKSON, S. E. (1981). “The measurement of experienced burnout”. **Journal of Occupational Behavior**, v. 2, n° 2, 99–113.

MASLACH, C., SCHAUFELI, W. B., LEITER, M. P. (2001). “Job burnout”. **Annual Review of Psychology**, v. 52, 397–422.

OLIVEIRA, W. L. DE, RIBEIRO, L. A. (2022). “Reflexões sobre a precarização do trabalho docente na América Latina”. **Trabalho & Educação**, v. 31, n° 2, 1–18.

RAVINSKAYA, M., VERBEEK, J. H., LANGENDAM, M., DAAMS, J. G., HULSHOF, C. T. J., HOVING, J. L. (2024). “Intermethod agreement of self-reports compared to register data collection for return to work and sickness absence: A systematic review and meta-analysis”. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 168, 111–123.

RAVINSKAYA, M. et al. (2022). “Extensive variability of work participation outcomes measured in randomized controlled trials: A systematic review”. **Journal of Clinical Epidemiology**, v. 142, 60–99.

SALVAGIONI, D. A. J., MELANDA, F. N., MESAS, A. E., GONZÁLEZ, A. D., GABANI,

F. L., ANDRADE, S. M. (2017). "Physical, psychological and occupational consequences of job burnout: A systematic review of prospective studies". **PLOS ONE**, v. 12, nº 10, e0185781.

SKAALVIK, E. M., SKAALVIK, S. (2017). "Teacher stress and teacher self-efficacy: Relations and consequences". En: MCINTYRE, T., MCINTYRE, S., FRANCIS, D. (eds.). **Educator stress: Aligning perspectives on health, safety and well-being**. Springer.

SONNENTAG, S., VENZ, L., CASPER, A. (2017). "Advances in recovery research: What have we learned? What should be done next?". **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 22, nº 3, 365–380.

VIRTANEN, M. et al. (2022). "Long working hours, burnout, and risk of depression and sickness absence: A cohort study". **Journal of Affective Disorders**, v. 295, 407–414.

WANG, H., HALL, N. C., RAHIMI, S. (2015). "Self-efficacy and causal attributions in teachers". **Teaching and Teacher Education**, v. 47, 120–130.